

THE JOURNAL OF THE  
LATIN AMERICAN SOCIO-  
CULTURAL STUDIES OF SPORT



Curitiba, v. 5, n. 1, p. 46-67, 2015. doi: 10.5380/jlass.v5i1.43890

O ESPORTE “EM CENA”: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E  
INTERPRETAÇÕES CONCEITUAIS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM  
MODELO ANALÍTICO<sup>1</sup>

WANDERLEY MARCHI JÚNIOR<sup>2</sup>

Universidade Federal do Paraná/ Brasil

[marchijr@ufpr.br](mailto:marchijr@ufpr.br)

**Resumo**

O presente trabalho tem por objetivo o repensar das construções e definições conceituais acerca do esporte. Para tanto, foram identificadas e analisadas várias contribuições acadêmicas e institucionais que em seus respectivos tempos históricos constituíram-se em referências na área. Com base nesse processo de análise e investigação teórica foi possível apresentar uma proposta de compreensão conceitual pautada em elementos polissêmicos e dimensionais da sociedade contemporânea e um Modelo de Análise que permita minimamente interpretar e entender o esporte inserido nesse contexto.

**Palavras-chave:** Esportes; Modelo de Análise; História do esporte; Sociologia do esporte; Brasil.

**El deporte “en escena”: perspectivas históricas e interpretaciones conceptuales para la construcción de un Modelo Analítico**

**Resumen**

El actual trabajo tiene como objetivo el repensar de las construcciones y de las definiciones conceptuales referentes al deporte. Para tal fin, fueron identificadas y analizadas algunas contribuciones académicas e institucionales que en sus respectivas épocas históricas se constituyeron en referencias en el tema. En base de este proceso de análisis e la investigación teórica fue posible presentar una propuesta de comprensión conceptual pautada en elementos polisémicos y dimensionales de la sociedad contemporánea y un modelo del análisis que el permite minimamente interpretar y entender el deporte inserto en este contexto.

**Palabras clave:** Deportes; Modelo del análisis; Historia del deporte; Sociología del deporte; Brasil.

**The sport “on the scene”: historical perspectives and conceptual interpretations for the construction of an Analytical Model**

**Abstract**

<sup>1</sup> O presente artigo é fruto de revisão e ampliação da conferência realizada no IV Congresso da ALESEDE, na cidade de Bogotá, Colômbia, no dia 23 out. 2014.

<sup>2</sup> Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq/Brasil.

The present work aims to rethink the conceptual constructs and definitions about the sport. For that, we identified and analyzed various academic and institutional contributions that they were reference in the area in their respective historical times. Based on this analysis process and theoretical investigation was possible to present a conceptual comprehension proposal guided by polysemics and dimensional elements of the contemporary society and a model of analysis that allows minimally interpret and understand the sport inserted in this context.

**Key-words:** Sports; Model of analysis; History of sport; Sociology of sport; Brazil.

## Introdução

Que o esporte tem sido na atualidade objeto de estudo em vários campos do conhecimento, e se tornado uma referência ou ponto de pauta desde projetos políticos e programas sociais até produto estratégico potencializador de mercados consumidores globais, não nos parece uma grande novidade em termos de argumentos ou pressupostos, contudo, essa observação preliminar pode delinear novos contornos a serem analisados e avaliados em determinados contextos históricos, políticos, sociais, culturais e econômicos.

Nesse amplo espectro de análises e leituras possíveis, o que nos tem chamado a atenção é certa resistência, ou melhor dizendo, uma certa limitação ou dificuldade em se definir ou entender o que vem a ser o esporte na contemporaneidade. É temerária tal afirmação principalmente se levarmos a cabo que essa observação empírica parte do universo de profissionais que trabalham diária e diretamente com o esporte tanto na sua forma prática quanto na sua teorização. Falamos, especificamente, dos profissionais de Educação Física.

Há certo desconforto, para não dizer despreparo, na área ao se evidenciar como podemos diferenciar atividade física de um passatempo ou jogo que se esportivizou, ou de uma prática que foi inventada e tornou-se uma tradição, ou ainda, de uma atividade competitiva institucionalizada prescrita por um sistema de regras universalizadas que regularizam e legitimam uma disputa.

Contudo, a nosso ver, esse não é o principal problema. Isso, na maioria dos casos, passa mais por um determinismo acadêmico, no melhor sentido demarcatório de áreas de atuação e de saberes a serem apropriados, do que efetivamente uma grande questão interpretativa da área. E é nesse quesito que pretendemos trazer algumas contribuições para uma discussão ampliada e subsidiada visando o melhor entendimento e compreensão do esporte.

## Definindo o Esporte...

A questão preliminar ou introdutória seria então, o que é o esporte? Etimologicamente, a palavra desporto tem origem francesa, *deport*, significando prazer, descanso, esparecimento, recreio, sendo que na incorporação do termo os ingleses atribuíram-lhe modificações, acrescentando o sentido de um uso

atlético submetido às regras, dando-lhe a definição de *sport*. Posteriormente, o vocábulo inglês foi aportuguesado como esporte, entretanto, os quinhentistas de Portugal faziam uso e empregavam o termo desporto em seus escritos. (Marchi Jr., 2005).

Quando pensamos no esporte na modernidade, inevitavelmente nos deparamos com esse fenômeno traçado a partir das práticas aristocráticas, inclusive nas *publics schools*, da Inglaterra do século XIX. (Bourdieu, 1983; 1990). Seja na tradição da caça à raposa, nas competições de remo ou mesmo na prática do futebol, os ingleses trouxeram ao mundo novos elementos dentro das perspectivas culturais e de distinção social passíveis de disseminação e apropriação comportamental.

Com o passar dos anos, essa prática foi se resignificando e adquirindo novos contornos num efetivo processo de expansão e internacionalização. As modalidades esportivas foram se multiplicando e, em alguns casos, se desdobrando em derivações das práticas originais; o número de praticantes cresce vertiginosamente criando-se um contingente demarcatório de amadores e profissionais. Desse cenário, criam-se competições nacionais e internacionais, as quais em torno de suas edições determinam um número crescente de aficionados pelo espetáculo esportivo que, por sua vez, acaba exigindo de determinadas áreas do conhecimento novas e sofisticadas metodologias de treinamento, avaliação de desenvolvimento da *performance* esportiva, entre outras incursões. Não a parte desse processo, observa-se a contínua influência política e econômica na organização, gestão e promoção do esporte.

Essa poderia ser, se não o é, a definição ou compreensão universalizada e mais aceita do esporte na modernidade. Entretanto, há outro processo que subliminarmente, ou melhor, que sutilmente acaba influenciando na incorporação dessas determinações e compreensões. Trata-se do que Umberto Eco (1984) definiu como a “falação esportiva”. Nesse processo, somos constantemente “bombardeados” pela indústria cultural, nos seus mais diversos campos de intervenção, com a proposta de nos fazer aceitar e incorporar determinadas “verdades” com as quais pouco ou nenhum contato tivemos e que, por sua vez, são divulgadas por determinados agentes sociais dotados de suposta autoridade no assunto. São argumentos de valor construídos a partir de relativa autonomia e do reconhecimento de um suposto saber.

As estratégias da “falação esportiva” são as mais diversas possíveis, passando pelos meios de comunicação midiática de massas, sejam impressos, televisivos, digitais ou eletrônicos, até as tradicionais conversas em ambientes informais, passando, inclusive, pelas também não menos tradicionais “mesas redondas” esportivas onde os debates, na maioria das vezes, são inconclusivos e pouco consistentes em termos de análises profícuas ou substanciadas.

Nessa esteira, ou seja, da “falação esportiva”, temos como um dos principais representantes da versão “romântica” do esporte, o jornalista Armando Nogueira que, em suas crônicas, sempre buscou interpretar ou definir o esporte com a perspectiva do senso comum agregando sabores e indícios teóricos

a partir de sua escrita. Aqui trazemos um excerto de uma delas com intuito de ilustrar nosso argumento: **“o esporte é uma das mais ricas manifestações de vida que eu conheço. Contém todas as virtudes e todos os pecados da criatura humana, dos mais sublimes aos mais subalternos”** (Nogueira, 2003: 81, grifos do autor).

Para além desse cenário que Nogueira nos traz, é possível buscar no ambiente acadêmico, autores que contribuíram com definições e interpretações do esporte no decorrer dos anos trazendo o pretense sentido científico para nossa explanação. A seguir trataremos de alguns exemplos.

Georges Magnane (1964) entende o esporte como uma atividade do lazer, cuja predominância é o esforço físico, praticada competitivamente, comportando regulamentos e instituições específicas, além de ser suscetível a transformações profissionais. Cabe observar que já nos idos da década de 60 do século passado a perspectiva da profissionalização, e seus respectivos processos e desdobramentos, já se faziam presentes nas análises de sociólogos do esporte.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983; 1990) define o esporte como um espaço estrutural de práticas sociais, chamado de campo, onde as posições dos agentes sociais são estabelecidas a partir da concorrência e da disputa por objetos e elementos de distinção. Neste campo, a mercantilização interfere na definição dos capitais atribuídos a determinadas práticas, assim, definem-se as relações entre a oferta e a demanda dos esportes.

A partir desse autor, podemos observar a constituição do que ele mesmo chamou de “campo esportivo” e, dentro dos critérios de reflexividade prescritos em sua teoria, as interconexões que se estabelecem entre os agentes e as estruturas sociais presentes nesse campo. Com base nesse dimensionamento do esporte moderno, *habitus* e capitais são determinados e determinantes para a compreensão do dinamismo social que se efetiva nos diversos contextos socioculturais da contemporaneidade.

Para Norbert Elias (1995), a análise parte do pressuposto de que as sociedades revelam meios compensatórios para aliviar as tensões provenientes do autocontrole das emoções, e o esporte seria um desses meios. O esporte responderia de maneira catártica e controlada à emoção mimética das relações, riscos e tensões do cotidiano. O que caracteriza o esporte moderno é o seu impulso civilizador no processo de esportivização dos passatempos lúdicos.

Em adição a essa linha figuracionista de leitura e interpretação do esporte podemos destacar uma citação que melhor ilustra o entendimento do sociólogo alemão em parceria com o sociólogo inglês Eric Dunning:

[...] seja ele qual for, é uma actividade de grupo organizada, centrada num confronto entre, pelo menos duas partes. Exige esforços físicos de certo tipo e é disputado de acordo com regras conhecidas, incluindo, onde se revelar apropriado, regras que

definem os limites autorizados de força física. O grupo de participantes é organizado de tal maneira que em cada encontro ocorre um padrão específico de dinâmica de grupo – um padrão que é flexível, umas vezes mais, outras vezes menos, e, por isso, variável e, de preferência, não inteiramente previsível no seu curso e nos seus resultados. (Elias & Dunning, 1995: 232).

O que fica marcado nessa leitura curiosamente combinada entre alemão e inglês, e que obviamente destaca sua teoria como fio condutor da análise, é a intensidade com a qual as emoções, e seus respectivos estágios de manifestação associados aos mecanismos de seu controle, evidenciam o conjunto de relações e de interdependências que configuram o esporte nas suas mais diversas manifestações.

Em Jean-Marie Brohm (1976) temos que o desporto é um termo polissêmico ao referir-se a realidades sociais variadas e complexas, contudo, analisa-o como uma atividade física típica de uma sociedade industrial cujo fundamento é a organização científica do trabalho e a crença pragmática no progresso humano infinito.

Na leitura de Brohm destacamos um conceito que nos é caro e, inclusive, se postula como basilar no modelo que propomos para leitura e análise do esporte, trata-se do polissêmico. Contudo, para além dessa observação, cabe ressaltar que a leitura do autor francês submete os processos constituintes do esporte moderno ao acompanhamento, e em certa medida à submissão, das relações e conjunturas da sociedade capitalista, a qual na sua definição é reportada como “industrial”. Sua base marxista de análise, ou mesmo da teoria crítica, sustenta e legitima sua lógica de argumentação.

Na linha de exposição pretendida nesse trabalho, outros autores poderiam ser apresentados em termos de contribuição interpretativa e de definição do esporte, porém, considerando que na maioria dos exemplos ao conceito é dado o foco no contexto da modernidade, destacamos sumariamente a relevância de alguns autores, ou mesmo supostas “escolas”, que se dedicaram à leitura e dimensionamento histórico e teórico do esporte neste contexto. São os trabalhos de J. Loy (1968), G. S. Kenyon & J. Loy (1969), A. Ingham & J. Loy (1973), H. Edwards (1973), Günter Lüschen & Kurt Weis (1976), G. Sage (1980), B. D. McPherson; J. E. Curtis & J. Loy (1989), Pierre Parlebas (1987), Allen Guttmann (1978), Manuel Garcia Ferrando (1990), Manoel J.G. Tubino (2001), Jorge Bento, Antonio Marques (1989), entre outros.

Tentando encaminhar nossa discussão, não desconsiderando em hipótese alguma as consistentes contribuições citadas, mas sim buscando um sentido de complementariedade na análise, passamos a situar algumas leituras e projeções mais recentes e, talvez, passíveis de contextualização na contemporaneidade.

Preliminarmente, gostaríamos de enunciar o que apresenta-se em termos de discurso oficial sobre as manifestações do esporte no Brasil. Para tanto, destacamos a Constituição Federal do Brasil, de 1988, na qual o esporte e suas políticas de ação e fomento são classificados em termos de Esporte Educacional

e Esporte de Rendimento (Brasil, 1988).<sup>3</sup> Embora essa tenha sido, considerando o contexto histórico-político e social do Brasil no momento de sua produção, o que de melhor poderia se esperar em termos de propostas, legitimação e avanços para o esporte nacional, com o passar dos anos, e com olhares e leituras mais minuciosas em torno dessa classificação, observou-se, em última instância, certas limitações e equívocos interpretativos dessas e nessas manifestações. Seus próprios autores, expressados na liderança de Manoel J. G. Tubino, identificaram esses traços e apontaram para um processo revisional que até o presente momento não se efetivou a contento.

Contudo, na perspectiva da regulamentação da profissão de Educação Física no Brasil, o Conselho Federal de Educação Física, através da obra organizada por Angelo Vargas, “Aspectos Jurídicos da Intervenção Profissional de Educação Física”, delinea o que ou como pode ser definido o esporte diante dos seus aspectos legais:

Esporte ou Desporto é uma atividade competitiva, institucionalizada, realizada conforme técnicas, habilidades e objetivos definidos pelas modalidades esportivas, determinada por regras preestabelecidas que lhe dá forma, significado e identidade, podendo também, ser praticado com liberdade e finalidade lúdica estabelecida por seus praticantes, realizado em ambiente diferenciado, inclusive na natureza (jogos: da natureza, radicais, orientação, aventura e outros), cuja aplicabilidade pode ser para a promoção da saúde e em âmbito educacional de acordo com diagnóstico e/ou conhecimento especializado, em complementação a interesses voluntários e/ou organização comunitária de indivíduos e grupos não especializados. (Vargas, 2014: 19).

Muito embora a definição contemple avanços e incorporações significativas, se comparada com explicitações anteriores, ainda não observamos a contextualização necessária para, no nosso entendimento, localizar o fenômeno social esporte e dele extrair incursões e análises substanciais tanto para dar respostas e argumentos legislativos e políticos quanto para melhor entender suas relações e interconexões sociais.

Buscando ainda amparo, e porque não dizer alento, no discurso acadêmico e científico, temos outros autores que contribuíram na direção do que propomos com esta reflexão. Mauro Betti (2002) nos apresenta uma interessante releitura do esporte tendo por dimensão o que chama de “definição clássica do esporte na sociologia”. Para o autor, o esporte é:

[...] uma ação institucionalizada, convencionalmente regrada, que se desenvolve com base lúdica em forma de competição entre duas ou mais partes oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é, através de uma comparação de desempenhos, designar o vencedor ou registrar o recorde (Betti, 2002: 29).

---

<sup>3</sup> Considerar no contexto atual a Lei n. 9.615/1998 (Brasil, 1998) e sua alteração pela Lei n. 13.155/2015, em que são incluídas as manifestações esporte participação e de formação (Brasil, 2015).

Pela leitura de Betti, percebemos avanços e acréscimos conceituais que nos permite fazer uma interpretação do esporte a partir de, senão correntes, ao menos percepções teóricas e categorias sociológicas que substanciam possíveis frentes de análise dimensional do esporte. A questão da institucionalização do esporte nos remete a observância de que o fenômeno social de maior crescimento e investimento do século XXI passa por um processo de organização administrativa o qual em determinadas instâncias incorre na burocratização e no agir estratégico de suas instituições. A própria noção de regras universalizadas, definidas e legisladas por estruturas esportivas dotadas de plenos poderes para tal, confirma essa dimensão.

A identificação da base lúdica na forma de competição entre oponentes ou contra a própria natureza nos leva a percepções teóricas que trabalharam na dimensão do jogo, o processo de esportivização dos passatempos ou práticas corporais até chegar às perspectivas atuais nas quais o meio ambiente, por exemplo, passa a ser um cenário de práticas mercantilizadas e espetacularizadas passíveis, inclusive, da criação de novas modalidades.

Ainda nessa definição, temos em destaque as perspectivas do desempenho, da comparação de resultados e do recorde. Não se faz necessário grande esforço intelectual para observarmos que trata-se de características, ou melhor, elementos estruturantes sociais do que podemos chamar de contemporaneidade. A busca frenética pelo melhor resultado, pela performance, pela excelência, os benefícios e conseqüências advindas desse processo, independentemente do ônus em questão, tem determinado em várias instâncias da sociedade o que Pierre Bourdieu (1996) nominou de “*sentido da prática*”.

E aqui cabe uma reflexão adicional sobre o recorde. Nada mais representativo do *modus operandi* da sociedade atual que a busca obsessiva pela “quebra” de recordes nos mais variados campos de atuação. E o que seria um recorde? De maneira bem objetiva poderíamos interpretá-lo como um registro de algo até então não realizado pelo homem, ou seja, uma conquista materializada num capital institucionalizado que confere ao seu portador, em um determinado tempo histórico, a constituição de um capital simbólico distintivo na sociedade. Dito de outra forma, um mecanismo de reconhecimento e distinção meritocrático – no esporte – muitas vezes questionado e refutado na análise crítica da extratificação e reprodução social.

Diante desse percurso analítico, apresentamos em 2004, nossa primeira perspectiva de leitura e interpretação do esporte. Procuramos naquele momento considerar grande parte das perspectivas conceituais e teóricas apresentadas, ou melhor, estudadas até então. Nesse sentido, entendíamos o esporte como “atividade física, construída e determinada a partir de contextos socioculturais, em constante desenvolvimento, e em franco processo de mercantilização, profissionalização e espetacularização” (Marchi Jr, 2004: 24).

Com essa interpretação, buscávamos introduzir determinados processos, até então não mencionados nas definições anteriores, os quais julgávamos extremamente pertinentes com os elementos estruturais e estruturantes da sociedade e que, inevitavelmente, não poderiam deixar de ser considerados ao se analisar um fenômeno social de tamanha magnitude. Falamos, obviamente, dos processos de mercantilização, profissionalização e espetacularização. Esse “tripé”, aliado aos contextos históricos e socioculturais da humanidade, permitiam uma leitura ampliada e correlacional do esporte e, porque não dizer, uma perspectiva menos determinista na/para a compreensão desse conceito.

Na contínua busca por novas definições e interpretações, e também com a intenção de agregar mais elementos analíticos não contemplados nos nossos trabalhos, encontramos na obra do sociólogo norte-americano Jay Coakley contribuições significativas que puderam subsidiar olhares ainda mais críticos para a compreensão do esporte. Para o autor, o conceito deve ser interpretado no plural e questionado na sua forma tradicional de entendimento, a saber, **“atividades competitivas institucionalizadas que envolvem grande dedicação física ou uso de habilidades físicas relativamente complexas pelos participantes, motivados por recompensas internas e externas”** (Coakley, 2007: 06, grifos do autor).

Dessa leitura e interpretação crítica, podemos reforçar e adicionar elementos ao que temos discutido até o presente momento. O reforço se faz notar nas perspectivas da competitividade (social) no esporte, sua característica de institucionalização, o sentido de atividade/habilidade física e sua pluralidade de sentidos. A “novidade” fica por conta dos aspectos motivacionais derivados do que o autor identifica como “recompensas internas e externas”. Esse sentido “recompensador” tem estreita relação com o processo de profissionalização apontado anteriormente, inclusive levando em consideração aspectos e valores intrínsecos e extrínsecos atribuídos ao esporte.

Não obstante a relevância dessa delimitação conceitual, o autor adverte que em muitos casos essa definição específica é utilizada por razões de ordem prática, enquanto em outros momentos, ou por ordem de outras naturezas, abordagens mais flexíveis são conclamadas para considerar costumes, tradições e particularidades de determinadas sociedades localizadas em determinados tempos históricos.

Na 11ª edição do “*Sports in Society: Issues and Controversies*”, Coakley (2015) reitera sua análise crítica sobre o esporte, na qual ele reforça a importância de se considerar os diferentes contextos culturais na compreensão ou definição do que é ou não esporte. Nessa esteira, o autor usa de exemplos para demonstrar diferentes interpretações e contextualizações entre uma competição de *cheerleaders*, uma prática de *skateboard* num parque e jovens brincando de *baseball*.

Com esses exemplos, Coakley observa que não há uma definição precisa e única que identifique o esporte em todas as culturas e em todos os tempos. Há que se considerar os sentidos, as formas de

organização, as propostas e subsídios destinados a esse esporte. E mais, a quem interessa essa prática, além de quem são os mais beneficiados nesse cenário.

Nessa lógica de leitura, entende-se que há a necessidade de se compreender o esporte num sentido mais flexível e inclusivo. Assim sendo, a perspectiva de **Cultura Física** se torna mais aceitável diante das questões e caracterizações apresentadas para o esporte na diversidade cultural, inclusive atendendo as dimensões para uma análise dos chamados “esportes organizados”. Estes atendem a definição amplamente usada nos Estados Unidos e na Europa, na qual “esportes são atividades físicas que envolvem desafios e competições” (Coakley, 2015: 6, tradução nossa).

Although past research in the sociology of sport has focused mainly on what you and I would describe as “organized sports”, current research often focuses on **physical culture, which includes all forms of movement and physical activities that people in particular social worlds create, sustain, and regularly include in their collective lives** (Coakley, 2015: 7, grifos do autor).

Para o autor, o esporte é tratado como uma construção social e, nesse sentido, incorpora partes de um mundo social no qual as pessoas interagem umas com as outras respeitando determinadas condições sociais, políticas e econômicas criadas por elas mesmas. No contexto da América do Norte, temos que:

According to most people in the United States, Canada, and a growing number of other societies, sports involve rules, competition, scoring, winners and losers, schedules and seasons, records, coaches, referees, and governing bodies that set rules and sponsor championships. Additionally, organizations such as local park and recreation departments, state high school athletic federations, the National Collegiate Athletic Association (NCAA), and the United States Olympic Committee use their own criteria for defining *sport* and selecting activities for official recognition as sports for purposes of funding and support. (Coakley, 2015: 8).

Ainda nesse processo de compreensão do esporte, Coakley (2015: 11) nos apresenta de maneira peculiar e crítica o que chama de “Grande Mito do Esporte”, a saber, que o esporte é essencialmente puro e bom, e que todas essas características inerentes a ele são transferidas a todos que o praticam, consomem ou patrocinam. Portanto, não há necessidade de se estudar o esporte visto que o mesmo já é o que deveria ser. A partir desse ponto, o autor constrói seus argumentos refutando essa visão e apontando os agentes e estruturas sociais que se beneficiam desse tipo de interpretação.

Tendo em vista este resgate teórico sobre a definição, ou melhor, sobre a compreensão do conceito de esporte, sem deixar de explicitar que nosso objetivo é o de agregar conhecimento ao estudo e não desconstruir o construído diante de suas especificidades históricas e culturais, temos o entendimento de que o conceito é complexo, amplo e passível de várias perspectivas de análise.

Desse modo, visualizamos a possibilidade de entender o esporte na contemporaneidade como uma atividade física polissêmica, institucionalizada, regrada e competitiva, um fenômeno histórico da humanidade construído e determinado a partir de contextos socioculturais diversificados, em constante desenvolvimento, e em franco processo de profissionalização, mercantilização e espetacularização.

Entretanto, essa não é entendida como nossa “versão final”, se é que isso seja possível, para a compreensão do esporte. Temos tido o cuidado de buscar continuamente autores e estudos que versam sobre esse tema, ou melhor, que agreguem mais olhares e perspectivas para a compreensão desse objeto de estudo.

Nesse sentido, tivemos contato com o pensamento do filósofo do esporte, o inglês Jim Parry<sup>4</sup>, no qual ele procura expor um conceito de esporte a partir do que ele chama “critérios de demarcação”. Esses critérios têm por finalidade precípua definir o que é e o que não é esporte.

Para Parry (2014), a atividade a ser entendida como esporte tem que atender a sete critérios e suas respectivas características. São eles: 1. **Humano**: o esporte é essencialmente praticado por seres humanos e visa o seu desenvolvimento enquanto tal; 2. **Físico**: é toda a atividade que demanda um esforço físico, independentemente de sua intensidade; 3. **Habilidades**: diante das características e potencialidades do ser humano, todas suas habilidades devem ser estimuladas e desenvolvidas, envolvendo processos práticos e educacionais; 4. **Competição**: a toda presença do aspecto competitivo num “contrato” estabelecido e de conhecimento das partes envolvidas na prática e que buscam a excelência na performance e nos resultados; 5. **Regido por Regras**: tal qual mencionado no item anterior, há o conhecimento e a existência de regras estabelecidas (universalmente) que determinam a participação nessas práticas, essas regras se convergem no *fair play*, na igualdade e na justiça; 6. **Institucionalizado**: há todo um aparato estrutural e organizacional no esporte pelo qual as regras e participação são controladas e fiscalizadas por autoridades constituídas e reconhecidas com plenos poderes para o exercício da função; e finalmente, 7. **Valores Compartilhados e Grupos Comprometidos**: nesse critério são observados os valores intrínsecos e extrínsecos do esporte que acabam definindo e envolvendo determinados grupos em torno de uma prática.

A contribuição de Parry em muito avança na perspectiva demarcatória do conceito de esporte, entretanto, nos parece um tanto quanto determinista e, fundamentalmente, não se atém aos aspectos que estamos procurando enfatizar na nossa análise, qual sejam, os aspectos dimensionais e correlacionais da sociedade contemporânea.

Em contrapartida à leitura de Parry, encontramos em Torrealba (2009) uma perspectiva ampliada e que tem por base, ou melhor, por referência interpretativa, a compreensão de Platanov (2004) na qual

---

<sup>4</sup> Parry, Jim (2014) Sport's concept. Conferência. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO OLÍMPICA E ESPORTE EDUCACIONAL. Natal-RN, 31 ago. 2014.

o termo esporte pode ser considerado em sentidos amplos e/ou restritos, ou seja, amplo no sentido de um “fenômeno social multifuncional” e restrito quando se depara com uma atividade física estritamente competitiva. No contexto ampliado, o autor latino-americano entende o esporte como:

[...] una actividad educativa, lúdica y competitiva que – a través del empleo de los más diversos movimientos, ejercicios físicos y acciones motrices – da y exige el máximo desarrollo y manifestación de las posibilidades físicas, técnico-tácticas, psíquicas e integrales del organismo humano en determinados eventos con escenarios especialmente organizados (competencias, lides, justas, etc.) para tales efectos. La característica principal que singulariza al deporte es la presencia de la actividad competitiva y la especificidad de la preparación hacia la misma. El objetivo principal del deporte es el alcance en lo posible de lo más altos resultados deportivos; no obstante, se logran otros importantes objetivos sociales: robustecimiento de la salud y el perfeccionamiento físico de la gente (sólo en su extremo inferior de iniciación), el compañerismo, la solidaridad entre los pueblos, la educación ideológica, intelectual, moral, ética, y otras. (Torrealba, 2009: 28).

Quando tratamos da polissemia do esporte, invariavelmente buscamos nesse conceito a possibilidade de interpretação dos múltiplos sentidos, formas e funções as quais o fenômeno esportivo permite e prescreve. Nesse sentido, a abordagem de Torrealba (2009) vai ao encontro das nossas argumentações, principalmente, quando destaca aspectos identitários do esporte como educação, ludicidade e competitividade, desenvolvidos em contextos específicos da prática física culminando com a observância de outros fatores e objetivos sociais a serem atingidos.

Encerrando esse nosso percurso ou, dito e outra forma, esse recenseamento de definições e compreensões sobre o esporte, tendo a total dimensão que o trabalho não se esgota nesses autores ou linhas de análise, pelo contrário, que os mesmo mais estimulam e nos incentivam à busca por novas leituras e referências, nos deparamos com o trabalho do belga Roland Renson.

Nele, o autor defende que o conceito de esporte é fruto do ocidente e um produto cultural da modernidade importado e exportado de maneira recente em termos globais. Ainda reforça que o esporte tem sentido diacrônico, etnocêntrico e transcultural (Renson, 2014).

Diante das discussões pós-modernistas, Renson se posiciona em favor do conceito de “cultura do movimento” no qual a perspectiva abrange quatro esferas de atividades que são “universais, históricas e culturais, elementos compartilhados por todos os grupos de indivíduos ao longo do tempo” (Renson, 2014: 139). As esferas estão assim definidas:

Os exercícios físicos fazem parte da esfera da cultura física “instrumental” do *homo exercens*. Competições físicas fazem parte da esfera “competitiva” do *homo agonizans*. Jogos e brincadeiras que envolvem movimento pertencem à esfera “lúdica” do *homo ludens*. Acrobacias e danças fazem parte da esfera da performance “expressiva” do *homo exhibens*. Todas essas quatro esferas estão interligadas, e as manifestações “esportivas” são o ponto central de intersecção entre elas. (Renson, 2014: 139).

Essa estrutura esquemática e interpretativa proposta pelo autor em muito se aproxima, e fundamentalmente organiza, o conceito de polissemia no esporte, portanto, para nossos objetivos, a contribuição de Renson é extremamente oportuna.

Entretanto, ainda sentimos falta de uma maior contextualização do esporte com a sociedade, com suas disposições geracionais. Em outras palavras, nossa pretensão ao estudarmos as possibilidades conceituais do esporte nos remete às possíveis interconexões sociais que o mesmo determina e que também por elas passa a ser determinado. São análises correlacionais que buscamos, interpretações passíveis de observar e considerar os traços polissêmicos, contextuais e dimensionais do esporte.

Assim sendo, procuramos não nos deter, por exemplo, às limitações, maniqueísmos ou reducionismos que muitas vezes interpretações apressadas podem nos conduzir. Trata-se de evitar a adoção induzida das posições de “defesa teórica” a partir das vozes ou dos discursos críticos ou de adesão, popularmente explorado nos termos de “pessimistas” e “otimistas”. São posições invariavelmente definidas por interesses situacionais e localizadas estruturalmente no tecido social. Portanto, cabe uma leitura mais ampliada e menos tendenciosa, para não dizer oportunista, no que tange a contextualização social do esporte na contemporaneidade. A partir dessa lógica é que adentramos na perspectiva da construção de um modelo analítico.

### **Para um Modelo Analítico do Esporte**

Uma importante referência para iniciarmos, ou minimamente evidenciarmos nossa proposta, seria a compreensão e adoção da categoria sociológica do mimetismo social. Nela encontramos o estabelecimento do diálogo entre as estruturas macro e microsociais, ou seja, é possível a partir do mimetismo social entender as relações de interdependências que se estabelecem entre os agentes e as estruturas sociais que estabelecem determinadas configurações ou *locus* sociais de ação.

Dessa forma, vemos nessa perspectiva teórica uma opção para visualizar a comunicação estabelecida entre o esporte e a sociedade, principalmente no que se refere às representações sociais coletivas. Exemplos dessa leitura podem ser evidenciados nas transferências de valores e comportamentos da sociedade tida capitalista e/ou neoliberal para as manifestações do esporte.

Um olhar um pouco mais atento irá detectar que nas esferas do esporte educacional, do esporte de participação e no esporte de rendimento há uma presença marcante, quase um traço determinante ou hegemônico, das características comportamentais e valorativas da sociedade contemporânea.

Senão vejamos, quantas vezes nossos alunos inseridos no sistema formal de ensino, especificamente nas aulas de Educação Física, independentemente da faixa etária, não manifestam o claro e evidente interesse em determinadas práticas esportivas a partir de seus ídolos ou destaques do alto rendimento? Quantas vezes nos finais de semana, em clubes socioesportivos, seus frequentadores não se

organizam para disputar torneios específicos de modalidades esportivas aferindo, mediante um regulamento “oficial” e todo seu conjunto de normas e procedimentos, a melhor equipe, o melhor “atleta”, assim por diante, e suas respectivas premiações? Quantas vezes não presenciamos ou ouvimos discursos midiáticos de atletas profissionais declarando seu esforço, empenho, dedicação e superação para atingir determinados resultados e conquistas a partir de um “quadro virtuoso”, quase um enredo novelístico, indispensável para se atingir essas vitórias? E esses são apenas alguns poucos e possíveis exemplos.

Mas do que estamos falando? Trata-se efetivamente das transferências advindas de um mimetismo social. Quando apresentamos esses exemplos, queremos fazer notar que por trás de um interesse supostamente ingênuo de um aluno, de um associado ou de um atleta profissional, está toda a manifestação (muitas vezes perversa no sentido da dominação oculta proclamada nos estudos de Pierre Bourdieu) de um conjunto de referências e valores que por fim irão determinar de forma inconsciente um modo de pensar, agir e ver o mundo social. São as relações de trabalho, por exemplo, do mundo capitalista e os intervenientes mercadológicos que acabam definindo como eu devo agir diante de um processo competitivo, quem são os exemplos a serem seguidos e quais as melhores decisões e valores para assumir uma determinada posição, seja na escola, no clube ou no exercício de minhas funções profissionais. E nesse sentido, as respostas às questões levantadas anteriormente ficam claras, evidentes e, fundamentalmente, coerentes com o conjunto relacional estabelecido.

Entretanto, uma observação deve ser feita. Esse processo não é unívoco, ou seja, não há apenas um sentido na perspectiva relacional. Invariavelmente somos tentados a crer que somente há transferência de valores e comportamentos do macro para o micros social, quando na verdade há também esse movimento valorativo do micro para o macros social, essencialmente quando se estabelece situações de sucesso nesse âmbito. Um exemplo disso pode ser notado quando determinadas modalidades esportivas, incluindo seus principais agentes estruturantes, são tidas ou tomadas como referência para o desenvolvimento de grandes corporações ou mesmo para a formação de seus executivos.

Toda essa relação mimética que se estabelece entre a sociedade e o esporte acabam reforçando nossa argumentação sobre as dimensões atribuídas no contexto da contemporaneidade fazendo com que nossas leituras e análises discorram essencialmente sobre as interconexões entre contextos, dimensões e polissemia. Essa lógica de raciocínio nos leva a, no limite, rever os desdobramentos das manifestações esportivas constitucionais e a composição de novos cenários do esporte.

A base legislativa brasileira prevê as manifestações educacional, de participação, de formação e de alto rendimento, contudo, nessa ótica relacional as mesmas desdobram-se de forma incondicional em perspectivas, inclusive em discursos oficiais, de saúde coletiva, de medidas para profissionalização do esporte e sua exploração em termos de produto ou espetáculo a ser potencializado e consumido.

Novos cenários são constituídos, ou mesmo “novos esportes”, estes vindo de derivações dos já estabelecidos tradicionalmente ou mesmo “inventados” a partir de novas possibilidades ou “exigências” mercadológicas, ou ainda, em nome de um “novo estilo de vida”. Seu público e seus espaços tomam outro sentido, são agora “Arenas” multiuso previstas para um expectador consumidor das várias formas existentes num mercado em formação e expansão. Atletas são como produtos a serem comercializados e, para tanto, são tratados e remunerados como tal, ou melhor, em conformidade com seu potencial de retorno. E nessa perspectiva, toda a ação mercadológica, seja de impacto, emocional ou de pertencimento, se faz presente com o intuito de atingir seus objetivos, metas.

Com essa constatação, ou conjunto delas, não desejamos nos inserir no contexto “revolucionário” que em muitos casos – em discursos ou vozes – são assumidos consciente ou ingenuamente. Apenas queremos apresentar e entender essa(s) realidade(s) propondo um possível modelo de análise que nos auxilie nessa tarefa.

Contudo, antes disso, temos que por indução apresentar o que esse conjunto de reflexões e definições nos leva a entender sobre o esporte. Nesse sentido temos que o **esporte** é compreendido como um fenômeno processual físico, social, econômico e cultural, construído dinamicamente e historicamente, presente na maioria dos povos e culturas intercontinentais, independentemente da nacionalidade, língua, cor, credo, posição social, gênero ou idade, e que na contemporaneidade tem se popularizado globalmente e redimensionado seu sentido pelas lógicas contextuais dos processos de mercantilização, profissionalização e espetacularização.

Baseados nessa compreensão, chegamos ao ponto de evidenciar quais são as nossas principais referências interpretativas e analíticas do esporte para a composição de um modelo, a saber, a **polissemia dimensional**, ou seja, a leitura do esporte numa perspectiva ampliada e de múltiplos sentidos, significados, contextos e dimensões.

Assim sendo, podemos apresentar nossa proposta de modelo de análise do esporte na contemporaneidade, o qual chamamos de “**Modelo Analítico dos 5 E’s**”. Como articulado e definido anteriormente, o modelo busca construir uma referência de análise do esporte a partir de cinco dimensões localizadas no contexto macrossocial as quais permitem melhor situar, compreender e discutir o fenômeno esportivo em sua complexidade de relações.



**Figura 1** – Modelo Analítico do Esporte: 5 E's.

**Fonte:** o autor.

Uma primeira dimensão, ou o “primeiro E”, refere-se à **Emoção**. Essa dimensão associa-se às possibilidades que o esporte detém de remeter seu praticante a, por exemplo, situações de desafios e riscos controlados quer sejam eles de ordem construída tecnologicamente, quer sejam eles apresentados de forma primária na natureza. Invariavelmente essas práticas levam o ser humano a um intenso nível de excitação o qual tem por finalidade, no limite, uma contraposição à rotina ou rotinas do cotidiano.

A impressão que se tem é a de que quanto maior o risco ou o nível de dificuldade apresentado, maior será o nível de satisfação e realização do praticante. Cabe destacar aqui exemplos como os programas televisivos que identificam essas práticas em seus níveis chamados “extremos” ou mesmo os circuitos, hoje internacionais, dos percursos de rua em grandes distâncias, a saber, os circuitos de maratonas e ultramaratonas.

Importante destacar nessa dimensão, que toda essa preparação para o risco, para os desafios e para a excitabilidade, manifesta a composição de um descontrole controlado das emoções. Dito de outra forma, a excitação, os desafios e os riscos – em seus maiores índices de exposição – passam ao praticante uma sensação de perda de controle na ação, fato que em verdade não ocorre, pois a exposição ao risco, por exemplo, é controlada por aparatos tecnológicos ou mesmo por quem detém um monopólio de controle das emoções.

Nesse último caso, vale ressaltar que a, ou, as formas de violências presentes na sociedade também reforçam esse nível de excitabilidade e, quando extrapolam os limites dos constructos e regras sociais, a ação dos aparelhos estatais entra em cena para esse controle. Um bom exemplo dessa argumentação pode

ser notado quanto à participação mais intensa de torcedores nos estádios de futebol e a ação deliberada da instituição policial na manutenção da ordem social.

O “segundo E”, refere-se à **Estética**. Nessa dimensão o principal discurso, ou ideia força, direciona-se para a recorrente associação do esporte ao conceito de saúde. Essa associação, indistintamente, vem condicionada de um substancialismo interpretativo no qual toda forma de prática, exposição ou manifestação do esporte está voltada ou determina um estado de bem-estar ou de desenvolvimento de aspectos bio-fisiológicos desejáveis a seu praticante. Nada mais equivocado que essa perigosa associação determinista, principalmente se levarmos em consideração as diversas expressões do esporte diante de sua compreensão polissêmica. Um exemplo disso, seria pensarmos se efetivamente o esporte em sua perspectiva profissional atende as prerrogativas de uma atividade constituinte de aspectos saudáveis e duradouros para a pessoa que assim o pratica.

Paralelamente a essa associação, na dimensão Estética, podemos agregar a presença dos estereótipos, ou melhor, dos padrões corporais de beleza impostos pela sociedade (de consumo) e perseguidos, em grande número de casos, de maneira patológica. Essa obsessão, ou até mesmo compulsão, pelo corpo perfeito tem levado homens e mulheres a processos de vigorexia e anorexia. Fato é que as academias especializadas, com seus profissionais personalizados, têm buscado atender com as mais variadas formas e atividades essa “demanda social da corporeidade contemporânea”.

Tecnologias, suplementos nutricionais, metodologias de treinamento, novos ambientes e motivadoras atividades, muitas vezes alternativas, vêm sendo desenvolvidas com essa perspectiva e, além disso, constantemente, os modismos se fazem presentes de forma efêmera e sazonal no contexto dessas práticas.

Importante notar nessa dimensão o aspecto formador de um estilo de vida, ou ainda, de um *habitus* social, no sentido lato de sua definição, no qual disposições geradoras de comportamentos se manifestam no reforço do individualismo e, no sentido eliasiano, do egocentrismo antropomórfico primário presente no contexto das relações humanas, ou mesmo, no que Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2015) chamaram de “hiperindividualismo contemporâneo”, no qual as vidas estetizadas buscam um compartilhamento em rede a partir de suas afirmações no âmbito, por exemplo, da arte, do mercado, do turismo, do entretenimento, da realização pessoal e da sua qualidade de vida.

A terceira dimensão destaca a **Ética**. Se buscarmos por definições, não iremos nos desviar da ideia de critérios, valores, princípios, construções sociais que nos levam a determinados padrões e regras comportamentais. No tratamento pretendido nesse modelo de análise do esporte, podemos discutir a Ética, ou pelo menos seus pressupostos, a partir de um conjunto de regras, valores e condutas.

No que se refere às condutas, muito se tem visto no esporte um discurso recorrente ao *fair play*. Interessante notar, que essa perspectiva não se limita ao esporte profissional, pelo contrário, perpassa e

ecoa nas diversas manifestações e dimensões do mesmo. A priori, esse “jogar limpo” de origem aristocrática remete os participantes a um incondicional respeito às regras do jogo e, fundamentalmente, um código de honra estabelecido entre os mais diferentes níveis de participantes.

Entretanto, a nosso juízo, a construção, ou melhor, a confirmação desse *ethos* esportivo primário está fadada ao campo da superficialidade, ou ainda, da definição de uma “pseudo-ética” esportiva. É um remédio com prazo de validade vencido. Para corroborar essa argumentação basta visualizarmos alguns exemplos comuns e recentes no esporte.

Os protocolos das competições internacionais e nacionais, basicamente, seguem o mesmo roteiro – inclusive, pode-se acrescentar até mesmo competições ou participações em nível escolar e/ou recreativo – no qual há saudações patrióticas e institucionais, manifestação de cordialidade entre os participantes e, fundamentalmente, concordância (manifesta no momento dos “juramentos”) e respeito às regras e condutas sociais minimamente exigidas para o transcorrer das atividades dentro daquilo que é prescrito por um comportamento ético.

Contudo, a partir do momento em que efetivamente as performances, os resultados e os efeitos decorrentes desse conjunto são postos à prova, toda essa “ética”, no limite, fica numa situação de retórica ou esquecimento. São atletas que tentam burlar as regras, torcedores que manifestam-se violentamente (seja física ou simbolicamente), árbitros que em determinadas situações cedem à corruptores num sistema historicamente estabelecido – ver os recentes casos de *match-fixing* – ou ainda de crianças e adultos que muitas vezes “alteram” seus comportamentos diante de uma prática esportiva.

Portanto, ao falarmos ou analisarmos o esporte sobre o ponto de vista ético, temos que, inevitavelmente, levarmos em consideração as relações e os paradigmas que as constroem no contexto da sociedade contemporânea. Soa como hipocrisia falarmos em respeito às regras sociais quando as mesmas não são construídas, aceitas e praticadas por grande parte da sociedade nas mais diversas situações do nosso cotidiano.

Como quarta dimensão, ou quarto “E”, temos o **Espetáculo**. Nessa perspectiva há que se tomar conta de algumas imprecisões que ocorrem na interpretação, ou compreensão, equivocada de que esporte-espetáculo é sinônimo de esporte-rendimento.

Em tese, esporte-rendimento pode ser encarado como toda atividade na qual há a exigência de uma superação do estágio inicial em que se encontra o praticante, ou seja, existem vários níveis de rendimento que vão desde os iniciantes em modalidades esportivas, passando pelos atletas profissionais ou ainda por idosos inseridos em programas de atividades físicas. E, incondicionalmente, essas manifestações não necessariamente assumem a perspectiva de espetáculo.

No espetáculo, algumas variáveis devem ser observadas como determinantes estruturais do seu processo. São elas, por exemplo, a capacidade de movimentar o contexto econômico e mercadológico; a

geração e constituição de ofertas e demandas; seu apelo motivacional e emocional; plasticidade e viabilidade midiática (incorporando os aspectos performáticos do esporte e a “estetização do movimento”); capacidade de comunicação e interferência global; e mobilização populacional, entre outros.

Nesse sentido, visualizamos que na contemporaneidade o esporte tem assumido de maneira quase que irreversível a perspectiva da constituição de um produto globalizado e mercantilizado nas suas mais diversas possibilidades de manifestações e apelos comerciais. O *show-time*, aliado ao *business*, tem condicionado e limitado a compreensão do esporte a essa dimensão, ou seja, espetáculo. E essa perspectiva tem definido o que chamamos de um “*habitus* social de consumo”.

Na lógica de análise dessa dimensão, nos deparamos com estágios que acabam definindo a trajetória de uma modalidade esportiva no processo de espetacularização. Cabe notar que não necessariamente esses estágios ocorrem de maneira sequencial, o que não quer dizer que eles todos não ocorram. Dito de outra forma, defendemos a ideia de que toda e qualquer modalidade esportiva posta em análise num determinado contexto histórico e social, inevitavelmente irá manifestar as características de um processo condicionante das etapas do amadorismo, da institucionalização, da profissionalização e da mercantilização. Essa seria nossa “tese dos estágios” no processo de espetacularização dos esportes.

Paralelamente a esse “E”, tem-se observado a possibilidade, ou melhor, a força da presença e da manifestação de um outro possível “E”. Seria o **Econômico**. Todavia, nossa linha teórica de análise tem como pressuposto básico a superação de leituras economicistas que são dadas ao esporte, ou a sociedade, de uma maneira geral. Nossa postura é a de considerarmos o aspecto econômico, entretanto, não de maneira determinista, mas como uma das principais variáveis intervenientes no processo de constituição do espetáculo e, porque não parafrasear Guy Debord, da “Sociedade do Espetáculo”. Em outras palavras, e sustentado na linha analítica correlacional de Pierre Bourdieu, entendemos o componente econômico como fundamental num processo de análise estrutural da sociedade e do esporte, contudo, não determinamos a ele a condição de exclusividade no processo, vamos além disso: trata-se de observá-lo como um dos possíveis elementos potencializadores e estruturantes das relações e interdependências sociais.

Por fim, o quinto “E”, o **Educacional**. Muito provavelmente, os leitores mais críticos, ou os estudiosos inseridos na pedagogia ou na discussão histórica das políticas públicas do esporte, principalmente aqueles que fundamentam seus argumentos em aspectos normativos, poderiam contestar dizendo que essa dimensão já foi garantida quando da Constituição de 1988, entretanto, não é exatamente no rigor da prescrição legislativa que defendemos nosso ponto de análise. É no princípio formativo.

Assim sendo, defendemos a ideia de que o **Educacional** deve ser a dimensão que interconecta todos os demais “E’s”, ou seja, dialoga com a **Emoção**, com a **Estética**, com a **Ética** e com o

**Espectáculo** sempre numa intencionalidade formativa. Em outras palavras, entendemos que esse processo, seja institucional ou informal, subsidia a formação da tão desejada e retoricamente defendida reflexividade e criticidade do ser humano na sociedade contemporânea.

Contudo, o processo para ser eficiente necessita de rigorosidade e, fundamentalmente, densidade. Para trabalharmos aspectos educacionais de maneira correlacional entre as dimensões, temos que conhecê-las em sua *essência* e *contexto*, ou seja, há que se entender, por exemplo, os porquês do desenvolvimento das atividades físicas e esportivas de risco numa sociedade espetacularizada onde valores estéticos e de superação se impõe numa lógica que muitas vezes desconsideram outros determinados valores [éticos] pré-estabelecidos nas relações humanas.

Dessa forma, torna-se possível e viável falarmos em Educação, entendendo e associando as diversas dimensões sociais do esporte numa perspectiva formativa e correlacional. Pensar de maneira isolada os aspectos educacionais, inevitavelmente nos levaria a uma leitura unidimensional da realidade.

### Considerações Finais

Para finalizar, gostaríamos de novamente evidenciar que esse nosso exercício teórico teve como objetivo buscar minimamente elementos, autores e propostas que nos auxiliassem a melhor compreender e/ou delimitar aquele que tem se destacado atualmente como um notório objeto de estudo no campo das ciências humanas e sociais.

Assim sendo, revisitamos um número considerável de fontes de reconhecido valor acadêmico, as quais possibilitaram uma releitura do conceito e, em última instância, a apresentação de uma proposta que explicita o que entendemos e acreditamos ser coerente e compatível para análises dos elementos estruturais e dimensionais do esporte.

Efetivamente, com a sistematização do modelo dos “**5 E’s**”, propomos um outro estágio para a leitura, análise, interpretação e correlações do esporte. Não podemos limitar nosso escopo em determinismos reducionistas os quais, invariavelmente, nos levaram, ou o que é pior, ainda pode nos levar a distorções ou a equivocadas incorporações das potencialidades desse fenômeno social que é o esporte.

No limite, o tratamos, ou pretendemos trata-lo, na expressão que chamamos de **Dialética do Esporte de Consumo Social**, ou seja, o esporte consome a sociedade assim como a sociedade consome o esporte. Não há nessa relação um direcionamento unilateral como muitos “intelectuais” do esporte pretendem defender. Pelo contrário, o sentido é de mão-dupla, e se há alguma distorção ou possíveis dominações simbólicas [ocultas] nessa relação, essa decorre da ausência ou limitação da apropriação da dimensão educacional na compreensão dos demais “E’s” conforme mencionamos anteriormente.

No melhor sentido *bourdieusiano*, estamos falando do “**Sentido da Prática**”. E para entendermos esse sentido da prática no esporte, torna-se imperioso e condicional estudá-lo considerando a análise correlacional do modelo proposto, dito de outra forma, para compreendermos as relações estabelecidas no esporte contemporâneo não podemos deixar de considerar, relacionar e analisar os “**5 E’s**”.

Com a devida apropriação desse “**Sentido da Prática Esportiva**”, teremos condições de contextualizar e correlacionar valores, manifestações e dimensões, o que indiretamente acaba qualificando nossas leituras e interpretações, e isso, obviamente, não deixa de ser um enorme desafio no contexto de formação analítico-teórico do esporte e da sociedade. Para tanto, inevitavelmente, necessitaremos de aporte em teorias multiculturais e também do trânsito interdisciplinar.

Muito do que falamos e nos propusemos a construir e apresentar nesse artigo à comunidade científica e acadêmica do esporte, e porque não dizer aos próprios agentes envolvidos com a prática nos seus mais variados níveis, passa por um contexto de autoavaliação. Muito do que foi exposto e questionado, foi vivido intensamente e, no atual momento, analisado com muito zelo, apreço e cuidado. Não há aqui, em hipótese alguma, a pretensão de esgotar essa discussão, pelo contrário, a intenção é fomentar e qualificar o debate que recorrentemente tem se mostrado pífio, tendencioso e insipiente.

Independentemente, e em última instância, se podemos chamar a atenção do estimado leitor para um dos pontos que nos levou a construir essa linha de análise praxiológica do esporte, esse ponto se resume na perspectiva da formação de um novo **habitus social esportivo** decorrente do **esforço civilizatório** no qual atualmente a sociedade está inserida. Portanto, espera-se pela formação e a existência de pessoas capazes de, minimamente, entender o que somos, o que fazemos e para onde vamos com esse cenário que se delineia a nossa frente.

## REFERÊNCIAS

- BENTO, J.; MARQUES, A. (1989). **Desporto, Ética e Sociedade**. Portugal: Universidade do Porto.
- BETTI, M. (2002). Esporte Espetáculo e Mídias: implicações para a qualidade da vida. In: MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R. (orgs.). **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: Unimep.
- BOURDIEU, P. (1983). **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- \_\_\_\_\_. (1990). **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. (1996). **Razões Práticas: sobre uma teoria da ação**. Campinas: Papirus.
- BRASIL. (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**, de 05 de outubro de 1988. Brasília.
- \_\_\_\_\_. (1998). Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. Brasília, 24 de março de 1998.

- \_\_\_\_\_ (2015). Lei nº 13.155, de 04 de agosto de 2015. Brasília, 04 de agosto de 2015.
- BROHM, J. (1976). **Sociologie Politique du Sport**. Paris: Ed. Dlarge.
- COAKLEY, J. (2007). **Sports in Society: issues and controversies**. 9th edition. New York: Mc Graw Hill.
- \_\_\_\_\_ (2015). **Sports in Society: issues and controversies**. 11th edition. New York: Mc Graw Hill.
- DEBORD, G. (1997). **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto.
- ECO, U. (1984). **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- EDWARDS, H. (1973). **Sociology of Sport**. Chicago, IL: Dorsey Press.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. (1995). **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. México: Fondo de Cultura Económica.
- FERRANDO, M. G. (1990). **Aspectos sociales del deporte: una reflexión sociológica**. Madrid: Alianza.
- GUTTMANN, A. (1978). **From ritual to Record**. New York: Columbia University Press.
- INGHAM, A.; LOY, J. (1973). The social system of sport: A humanistic perspective. **Quest** 19: 3-23.
- KENYON, G. S.; LOY, J. (eds.) (1969). **Sport, Culture and Society: A Reader on the Sociology of Sport**. New York: Macmillan.
- LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. (2015). **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Cia das Letras.
- LOY, J. (1968). The nature of sport: A definitional effort. **Quest** 10: 1-15.
- LÜSCHEN, G.; WEIS, K. (1976). **Sociología del deporte**. Valladolid: Miñon.
- MAGNANE, G. (1964). **Sociologie du Sport**. Paris: Gallimard.
- MARCHI JR., W. (2004). **“Sacando” o Voleibol**. São Paulo: Hucitec; Ijuí: Unijuí.
- \_\_\_\_\_ (2005). Desporto. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (orgs.). **Dicionário Crítico da Educação Física**. Ijuí: Unijuí.
- MCPHERSON, B. D.; CURTIS, J. E.; LOY, J. W. (1989). Defining sport. In: \_\_\_\_\_ (eds.). **The Social Significance of Sport**. Champaign, IL: Human Kinetics.
- NOGUEIRA, A. (2003). **A Ginga e o Jogo**. Rio de Janeiro: Objetiva.
- PARLEBÁS, P. (1987). **Perspectivas para una educación física moderna**. Andalucía: Unisport Andalucía.
- PARRY, J. Sport's concept. **Conferência**. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO OLÍMPICA E ESPORTE EDUCACIONAL. Natal, RN, 31.ago.2014.
- PLATANOV, V. (2004). **Sistema de preparación de los atletas en el deporte olímpico: Teoría general y su aplicación práctica**. Kiev: Literatura Olímpica.
- RENSON, R. (2014). Salvaguardando a ludodiversidade: O papel de um museu de esportes na promoção e proteção da cultura do movimento. In: ZIMMERMANN, A.C.; CHUNG, S.S. (orgs.). **Jogos Tradicionais**. São Paulo: Ed. Laços, Pirata, p. 125-150.
- SAGE, G. (ed.) (1980). **Sport in American Society: Select Readings**, MA: Addison Wesley.
- TORREALBA, J. R. (2009). **Fundamentos teóricos de la recreación, la educación física y el deporte**. Maracay: Editorial Episteme.
- TUBINO, M. J. G. (2001). **Dimensões Sociais do Esporte**. 2. Ed. São Paulo: Cortez.

---

VARGAS, A. (org.) (2014). **Aspectos Jurídicos da Intervenção Profissional de Educação Física.**  
Rio de Janeiro: CONFED.